destinadas de fiação estão adquirindo algodão do sul devido à escassez, no nordeste, dos tipos utilizados tradicionalmente. Estes fatores poderão suplantar fenômenos baixistas tais como a entrada da safra setentrional já neste mês e a liquidação da primeira (prorrogada de julho para setembro) e segunda parcelas dos EGF's contratados, na sua maioria, nos meses de março/abril deste ano.

CARNE

Uma alta especulativa

Iniciada em 1977, a atual fase da evolução cíclica dos preços da carne bovina no mercado interno vem adquirindo contornos mais expressivos que o ciclo anterior. O auge do último ciclo ocorreu justamente em 74, quando os preços atingiram níveis até então jamais alcançados. Mas, em julho de 1979, as cotações do boi gordo foram superiores em 22% (valor real) a média do ano de 1974. Em agosto, tal crescimento se acelera, verificando-se uma elevação nominal de 44,8% em relação ao mês anterior, com os preços atingindo Cr$ 1.000,00/arroba nas principais regiões produtoras do Estado de São Paulo. Esta aceleração acabou se constituindo em uma surpresa pois, para muitos, este teto somente seria alcançado em outubro, mês em que a escassez da entressafra é mais acentuada.

Tendo como pano de fundo uma reduzida oferta de animais para abate, essa inesperada alta dos preços (de forte componente especulativo) veio, de uma maneira peculiar, "contornar" o abastecimento de carne, através da redução na demanda. Se o governo tivesse acionado o tabelamento (ou mecanismos similares), impedindo uma alta tão acentuada dos preços, a pressão da demanda sobre a oferta seria ainda mais forte (pelo maior poder relativo de compra dos salários), e não haveria condições de satisfazê-la, diante dos reduzidos estoques oficiais e das elevadas cotações do produto no mercado internacional.

Com a perspectiva de que os preços do boi gordo se elevem ainda mais nos próximos dois anos, o centro da atenção governamental será o comportamento da demanda por essa carne comercializada a preços crescentes. Atualmente, já existem indícios de esfriamento da procura, justificada pelo menor crescimento da renda da população em confronto com a escalada da cotação da carne. Esse descompasso poderá resultar na geração de um "excedente", com o país voltando a adquirir a falsa imagem de exportador. Nesse particular, seja do ponto de vista do interesse do setor de produção, ou da balança de pagamentos, será preciso considerar a evolução da demanda internacional nos próximos anos.

Conforme a abordagem explicitada no "Prognóstico 79/80" (vol. 3. nº 7-8), a fase de recuperação dos principais rebanhos bovinos do mundo ocorrerá a partir de 1980, com a oferta de carne normalizando-se em 1982. Assim, percebe-se uma certa coincidência na evolução dos rebanhos brasileiro e mundial. Por outro lado, considerando que a produção do Brasil se dá a custos unitários mais elevados (em função dos baixos índices zootécnicos), fica a pergunta de como o país vai colocar carne no mercado externo daqui a três anos, em uma conjuntura que se prognostica como gravosa? Parece, então, contrariamente ao que se divulga, não interessar muito aos setores envolvidos no complexo carne uma alta desmesurada de preços, reduzindo acentuadamente o consumo da população.

Muito embora sejam benéficas para o país eventuais receitas de exportação, deve-se ter em mente que o consumo de carne bovina no Brasil é baixo quando comparado às economias desenvolvidas. Maiores distorções se verificam quando são contrapostos os dados de consumo total de pro-

teínas de origem animal, pois a utilização de carnes alternativas na dieta alimentar da população é ainda proporcionalmente mais reduzida. Nessa ótica, não seria relevante subtrair à oferta interna parte da produção e destiná-la ao mercado externo, aproveitando-se de uma conjuntura internacional um pouco mais atrativa.

A análise do perfil da produção de carnes no Brasil indica a necessidade de alterações no sentido de incrementar a oferta de pequenos e médios animais. Estes, além de serem produzidos a custos mais baixos, permitem maior flexibilidade no ritmo de crescimento, devido ao menor tempo necessário à produção. A avicultura, por exemplo, vem crescendo a taxas significativas desde o início da presente década. Com efeito, a relação quantitativa de produção carne bovina/carne de aves que, em 1973, foi da ordem de 5,0 deverá cair a 2,3 em 1979. Neste ano, espera-se um crescimento de 16% na produção de carne de aves, representando um acréscimo de mais de 100 mil t, em relação a 1978. A nível de produtor, a relação de preços boi gordo/frango, entre 1973 e 1978, cresceu de 1,39 a 1,82, o que mostra o maior crescimento relativo dos preços no mercado de bovinos.

Com a persistência do ritmo de crescimento que a avicultura vem auferindo, com a atividade suinícola também em expansão, e com a recuperação do rebanho bovino a partir de 1981 (e a concomitante elevação da oferta interna de carne) aliada à prognosticada recuperação da produção mundial, esboça-se, desde já, uma possível crise de saturação na oferta interna de carnes em geral, a menos que o crescimento da renda da população seja suficiente para contrabalançar o incremento da produção.

SUCOS

Otimismo no mercado

A previsão inicial da produção brasileira de cítricos este ano parece confirmar o otimismo existente entre os exportadores nacionais de suco concentrado e demais subprodutos. O Brasil, como primeiro exportador mundial de suco de laranja, é hoje responsável por 80% das exportações deste produto. Situação que deverá ser mantida em 1979 (ou até ampliada) em função dos contratempos climáticos que prejudicaram as safras norte-americanas nos últimos anos.

Desde a geada que ocorreu na Flórida, no final de 1977, a produção norte-americana não conseguiu voltar aos níveis anteriores. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a safra deste ano deverá apresentar uma queda de 7% em relação à estimativa inicial. Além disto, neste final de ano, cresce a expectativa de novas geadas na região Sul dos Estados Unidos, o que possibilitaria maior colocação do suco cítrico brasileiro no mercado internacional.

Vale ressaltar que os Estados Unidos, que concorre com o Brasil em alguns mercados, pois alia a condição de maior produtor à de maior consumidor de sucos cítricos, consomem 22% das exportações brasileiras. Neste quadro, para o Brasil, a conquista de novos mercados que não os tradicionais (EUA, Canadá e CEE), é fundamental, pois permitiria o rompimento desta dependência em relação ao comportamento da safra norte-americana. Novos clientes (como Japão e Europa Oriental), entretanto, ainda não são uma realidade. Assim, qualquer previsão para as exportações brasileiras passam pelo comportamento da safra norte-americana.

Este ano, a produção de laranjas dos Estados Unidos, anteriormente estimada em 8,3 milhões de toneladas, já foi reavaliada para 9,1 milhões de t. Ou seja: 7% a menos que a safra anterior. Segundo estimativa inicial do Departamento de Agricultura dos EUA, o inverno,